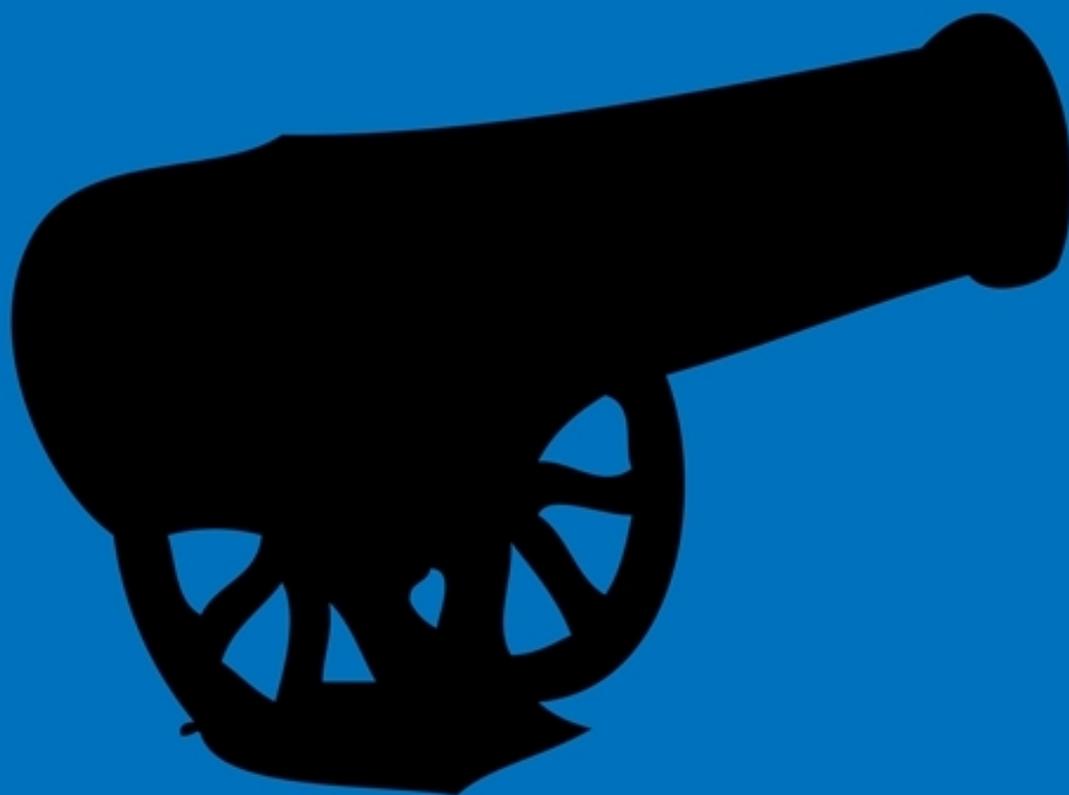


o canhão de bataille

raul pereira



veneno

O Autor

Raul Pereira nasceu em 1981, na cidade do Porto, mas foi levado, apenas com poucos dias de vida, para Viana do Castelo. Estudou Património Cultural e História da Arte Portuguesa, tendo trabalhado depois como investigador em arte e como co-curador e curador em duas galerias. Em 2007, concebeu e geriu um espaço de intervenção artística e cultural, em Viana do Castelo. Nos últimos anos, tem-se dedicado à escrita e à investigação. Publicou alguns artigos e trabalhos literários, dos quais se destaca o texto para o livro *Romeiros~Pilgrims*, do fotógrafo Paulo Alegria, e venceu alguns prémios literários locais. Actualmente, encontra-se a escrever o seu primeiro romance histórico intitulado *As atribuições de Gonçalo V.* (a publicar em 2014) e colabora com a cooperativa Pé de Mosca, sendo o responsável pela área da comunicação do projecto literário *O Rato da Europa*, no âmbito de Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura. Por vezes distrai-se e pensa que consegue dar aulas de escrita criativa a adultos e crianças. Vive e trabalha entre Caldas de Vizela, Guimarães e Viana do Castelo.

Este volume está sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)



venono

2012

O canhão de Bataille

Na tarde de quatro de Outubro de 1720, Henri Bataille andava agitado e perdido. Devia dinheiro a metade da cidade de Marselha, ainda lhe doía, como argueiro no olho, a morte do seu rapaz de quinze anos, em Agosto, e há dois dias que andava tão ressecado do vinho que nem se debateu quando os guardas pegaram nele e o atiraram para trás das grades por distúrbios e jogo ilícito. Estava demasiado cansado até para gritar, enquanto o empurravam para a carroça.

Na negritude da enxovia, perdeu a conta aos dias. Pelas nesgas rasgadas na parede, passavam restos de luz intermitentes, passageiros, e as côdeas que traziam demoravam por vezes tanto tempo a chegar que ele e os companheiros de infortúnio adivinhavam passar dias sem elas.

Onde andaria ele? Não, não o vinho!, o vinho sabia ele muito bem a que tabernas ir buscá-lo. E as imagens das garrafas surgiam-lhe repentinas, pavoneando-se brilhantes em cima dos balcões de madeira de castanho, olhando para ele, as putas. Nestas alucinações, logo tentava alcançar o cântaro da água ao lado de um homem que cagava, e sorvê-lo todo de trago; mas os outros empurravam-se e pontapeavam-no nos costados, já com ele de bruços no chão, pedindo misericórdia. «Onde está ele?», gemia. Mas não era o vinho; não, era o seu cónego. Os guardas passavam e traulitavam os cabos dos mosquetes nas grades e gritavam: «Bataille, filho da puta, a tua mulher anda a chupar tudo o que deixam passar pela barra cheio de peste nos colhões!»; e de noite, divertiam-se a fazer estalar pequenos papelinhos com pólvora, para não deixar dormir os condenados — diziam que para afastar a doença —, e despejavam-lhes vinho por cima das cabeças. Alguns tentavam apanhar algumas gotas, mas era sobretudo o cheiro do inalcançável que atormentava violentamente aquele amontoado de alcoólicos. Isso, a falta de água e os cadáveres que por vezes jaziam do outro lado do corredor.

Quando, numa dessas noites, um dos presos da cela partiu o cântaro, dois desmaiaram imediatamente, desfeitos em fraqueza e medo, mal sentiram os tacões dos guardas a massacrar as lages. Entraram só quatro, e os que tinham desmaiado acabaram por ser os mais afortunados. Pelo menos uma costela Bataille sentiu estalar. Os soldados só repuseram um cântaro quando retiraram, muito tempo depois, um deles, já quase morto. Dessa vez não houve lutas, e a água foi dividida por todos. Retirando com cuidado a água do cântaro, passaram a pequena malga cascada e suja em roda, enquanto um velho contava que, no exército, até mijo de burro tinha bebido.

Nesse mesmo dia, chegou o cónego com um lenço a tapar a cara — olhos azuis inconfundíveis por detrás do pano branco, no entanto. Resolvida a libertação de Bataille, disse-lhe que, da próxima vez que lhe desaparecesse, aquele seria o primeiro lugar onde procuraria por ele, para não andar aflito. Nos seus olhos notaram-se duas lágrimas: «Pensei que estivesses já numa vala qualquer. Certamente saberás como morrem lá fora.» Henri abraçou-o e pousou-lhe um beijo na face, a troco de duas moedas. «Tens de ultrapassar isto, meu filho!», reprendia-o o cónego, afastando-o ternamente. «Que dia é hoje?» «É dia oito.» «De Outubro?» O cónego pareceu não entender a pergunta e fez cara de quem acabava de ouvir a pergunta de um louco.

Após agradecer novamente, com grandes reverências, Bataille encaminhou-se para a sua rua, evitando a vila velha, mais afectada pela peste. Ainda se falava do decreto do Parlamento de Aix, que proibira as gentes de sair da cidade e de um muro alto e forte que estavam a pensar construir nos Montes de Vaucluse, para conter o avanço da praga. Falava-se, ainda, da valentia do cavaleiro Roze, figura do momento, para quem Bataille já tinha escriturado uns quantos papéis. «Toda a cidade, vai toda a cidade se nos fecham ainda mais.», bradava um homem, «E qualquer dia calha-nos a nós também, por Deus!», predicava um outro, «São Roque nos livre de tamanha crueldade!», orava uma mulher. Havia alguns cadáveres pelas ruas, mas muitos menos do que em Agosto, devido às sanções severas de os largar sem mais. Certas casas exalavam pelas janelas a morte inteira.

Ao sabê-lo de regresso, o senhorio assomou com um pau, vindo de um quelho à sua direita. Não tinha morrido, o cabrão! Bataille ia a pegar nas moedas que o cónego lhe dera para lhe pagar, mas a esposa veio como que em seu socorro à janela e gritou: «Ladrão, ainda não passou uma semana! Leve-o a peste mais a renda!», e atirou o dinheiro ao chão, para a frente do senhorio, que desapareceu vociferando os mais elaborados improperios. Henri entrou e a mulher abraçou-o e deu-lhe de comer. «Fiquei com muito medo. Não fiz mais do que chorar nestes últimos dias, aqui sozinha. Pensei em morrer, em ir procurar alguém doente e encostar-me até que o mal me tolhesse.» Ele sorriu-lhe como já há muito tempo não lhe sorria. Desde a morte do filho que tinha desistido de lhe perguntar de onde lhe vinha o dinheiro, a comida, e de lhe bater nas costas em busca de respostas, dadas que estavam por todos os limites já há muito excedidos.

De noite, Henri teve de se levantar para ir roubar roupa. A que trouxera estava transformada num conjunto de trapos esfarrapados e imundos. Exausto que estava de tudo o que lhe tinha acontecido, do sexo com a mulher e de atravessar a cidade para não lhe reconhecerem a roupa que colhesse em casas livres de peste, torceu um pulso ao trepar a última varanda para atingir um bom casaco próprio da sua condição. Os sapatos não tinham sofrido muito, mas os guardas tinham-lhe ficado com as fivelas de prata e com a cabeleira quase nova.

Quando chegou a casa, atirou-se para a enxerga com tal força que sentiu a costela estalada e acordou a mulher. «Fui buscar roupa. Torci o pulso, merda.», respondeu-lhe. Acordou ouvindo bater o meio-dia. Vestiu-se de limpo, correu à igreja, havia trabalho por acabar com urgência, antes que não houvesse protecção miliciana suficiente para evitar os roubos. À porta, o já famoso edital dos vereadores, exortando à ajuda no enterramento dos cadáveres a quem tivesse cavalos. Mal entrou, logo lhe acudiram um irmão de uma confraria e o tesoureiro, o padre Philippe Tourneau, um esqueleto fininho e esquelético com olhos descaídos como um porco.

Bataille preparou o livro, a pena de ganso e o tinteiro. O confrade trazia as peças e o padre não fazia nada, de breviário na mão, evitando apenas os desvios.

Henri começou a escrever...

- Item: uma cruz de prata muito antiga, com os apóstolos;
- Item: um cálice de ouro oferecido à igreja por Sua Majestade, o Rei Louis XIV;
- Item: uma casula vermelha de seda e ouro;
- Item: uma custódia com pedras preciosas das Índias e serafins de prata;
- Item: relíquias de Santa Maria Madalena num cofre de madrepérola;
- Item: um pálio veneziano muito velho, de seda, debruado com figuras da virgem e dos apóstolos, que se usa na procissão de São João...

...e as horas passavam, os tesouros esgotavam-no. Tantas riquezas de valor quase infinito dançando alegres num palco de teatro de oiro e damasco; e ele ali, como o último espectador ao pé da porta...

- Item: uma naveta de prata com sua colher de prata;

...e os cónegos entravam e saíam gordos e seguros de si, limpos de peste, ou magros e sorridentes, com anéis nos dedos. Os seus olhares passavam por ele e atravessavam-no com se de uma vidraça se tratasse. Ah, a indiferença!...

- Item: um fio de ouro para a Virgem, muito grosso, com pendente bem trabalhado...

...um único cónego valia por todos os cónegos do Santo Padre Clemente XI. Aquele de pele luminosa e macia como um pano de seda dos chinos. Chegava todos os dias depois das seis e meia e olhava-o de longe, na nave, quando a porta estava entreaberta. Se ninguém estivesse atento, trocavam uns sorrisos mudos, discretos e envergonhados. Bataille levantava-se «para esticar as pernas» e passava ao lado dele depois da genuflexão, respirando fundo.

Quando o olhos de porco dava o dia por terminado, «por graça de Deus, Nosso Senhor», tamborilando os dedinhos secos sobre o livrito dos Exercitia de Santo Inácio de Loyola, Bataille corria à casa do Suiço, prédio sem vitalma nos seus corredores estreitos, portas verdes, grossas; e entrava no quarto do fundo, lado direito.

Nesse dia, a cama estava vazia. No lugar do cónego estava uma cabeleira alva, de boa fábrica. Sentiu umas mãos quentes nos olhos, vindas detrás da porta e um arpeio atacou-lhe a base da coluna. Mas por essa porta entraram também, alguns minutos depois, gritos e guardas aos pontapés. Tinham-no seguido, os filhos da puta! Desta vez não! Com a perneira das calças entretanto já despidas, forçou o pescoço de um. O cónego debatia-se também e gritava se sabiam quem ele era, espalmando uma salva de prata na cabeça de outro. Soou um tiro de pistola. Bataille libertou-se e atirou-se pela janela para o telhado do lado. Ao voltar-se para soltar as faldas da camisa viu a mão do cónego estendida no soalho, por entre as pernas de dois soldados que espancavam o companheiro, enquanto lhe gritavam desesperados se sabia o que tinha acabado de fazer.

Acusado de fanchonismo, Henri Bataille recusou-se a regressar à enxovia. Aguentou duas semanas na cave da única casa de Marselha onde não o iriam procurar: a do Suiço. O bom homem, habituado a garantir refúgio, dava-lhe de comer uma vez por dia. No interior de Bataille, todavia, cresciam a vergonha e o medo de modo insuportável. Sentia que a vida se resumia a traços finos de tinta vermelha que o castigavam e mordiam por dentro. Imaginava o interior vermelho do seu corpo e os seus humores bombeados lentamente, ao ritmo fraco do seu pulso.

Ao décimo quarto dia, saiu para a rua e caminhou para o porto. Batiam as quatro da tarde. Nas ruas onde o conheciam, os homens cuspiam para a frente dele quando passavam e acusavam a sua raça de ser a responsável pela peste; e as mulheres cochichavam com olhos rasgos de desprezo e reprovação. Quando alguns homens mais fortes apareciam armados para o apanhar, Bataille fugia a correr, embrenhando-se nas velhas vielas.

Depois de saltar, sem grande dificuldade, as barreiras erguidas por causa da quarentena para o forte de Saint-Jean, esperou pelo cair da noite, encostado à muralha. Quase não havia vigias do lado norte, porque os navios eram mantidos ao largo do porto, passando as mercadorias por uma série de verificações antes de terem permissão para entrar na cidade. Além do mais, os soldados que estavam acordados fumavam e jogavam às cartas. Entrou no forte sorrateiramente pela porta oeste, quando o guarda de plantão acompanhou um superior cheio de vérias e mesuras, perguntando-lhe, meio a medo, pelo atraso do soldo.

Subiu ao baluarte e, ao cimo das escadas, crepitava uma candeia. Ao seu lado estava, como que suspendida pela negrura do mar em pano de fundo, a sombra de um soldado. Bataille aproximou-se por trás dele e saudou-o com voz melodiosa: «Está fresco, não está?...» «Sim.», respondeu-lhe o outro, continuando a olhar o escuro. «Diz-me uma coisa, o Governador mandou carregar as peças, mesmo com esta humidade?» «Estão todas carregadas, sim. Mas tu não sabes disso?», estranhou o outro. Ao voltar-se para o encarar, Henri aplicou-lhe com uma pedra na têmpora. O outro tombou redondo. Silenciosamente, Bataille aparou um grande rastilho e arrastou com ele a candeia para o pé da peça que estava mesmo ao seu lado: uma velha colubrina de dezoito libras, virada a sudoeste, já parcialmente coberta de verdete na boca, mas com o cano impecavelmente limpo pelo cuidado da soldadesca.

Henri preparou cuidadosamente um pavio muito comprido. Precisava de tempo. Tempo para arrastar cuidadosamente e com muito esforço a peça, que rangeu ligeiramente. Tempo para se estender de bruços na ameia e encostar os pés à boca de fogo; tempo para olhar a escuridão onde iria mergulhar — chegou a candeia ao pavio —; tempo para dizer a toda a Marselha que a culpa certamente não era dele; tempo para pensar um pouco no filho perdido; tempo para dizer adeus à mulher; tempo para pensar nele, no seu có...

Ao longe, a cidade ouviu e acordou sobressaltada. Alguns sinos tocaram, e os soldados nos fortes mais os marinheiros nos navios ao largo praguejaram, acenderam as lanternas e prepararam as armas. «Mouros? Corsos?», perguntavam em alvoroço; mas nenhum segundo sinal de alarme surgiu naquela noite...

§

A vinte e três de Outubro de 2010, a aluna Magda Linz apresentava, na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, uma tese de doutoramento que continha um capítulo inteiro dedicado ao precioso inventário escrito por Henri Bataille, em 1720. Sobre quem o tinha redigido, a aluna disse apenas que ele era «(...) provavelmente, um secretário de um alto dignatário da igreja ou da nobreza local, e não temos conhecimento de muitos documentos da sua lavra nos arquivos da cidade de Marselha».

Ainda nesse dia, o pai de Magda tentaria bater, finalmente, o recorde do mundo em distância como homem-bala, na Place de la Porte Maillot, com o alto patrocínio de uma famosa bebida energética. Era a última tentativa que faria, pondo fim a uma carreira internacional de mais de vinte e cinco anos.

Já na rua, nervosa e feliz, Magda Linz despediu-se apressadamente dos professores e dos colegas e desceu as escada do metro.